

Garcia Peres e os autores setubalenses que escreveram em castelhano

JOÃO REIS RIBEIRO

jasrribeiro@gmail.com

LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão

Resumo

Domingos Garcia Peres (1812-1902), médico, exerceu em Setúbal, onde interveio também politicamente. Ficou conhecido por ser um bibliófilo, tendo contactado com Inocêncio Francisco da Silva e Menéndez y Pelayo, com intensa ligação à Biblioteca Nacional de Lisboa. De 1890 é a obra da sua vida, *Catálogo Razonado de los Autores Portugueses que Escribieron en Castellano*, indispensável para o conhecimento da ligação das duas literaturas peninsulares e para a história local, pois liga a maior parte dos cerca de 670 autores biografados às suas localidades de origem. Que nomes estão ligados a Setúbal, por nascimento ou por qualquer outra relação, é a leitura que se sugere.

Palavras-chave:

Domingos Garcia Peres, setubalense, Setúbal, castelhano, literatura, Península Ibérica

Abstract

Domingos Garcia Peres (1812-1902), doctor, practiced in Setúbal, where he also intervened politically. He became known for being a bibliophile, having contacted Inocêncio Francisco da Silva and Menéndez y Pelayo, with an intense connection to the National Library of Lisbon. From 1890 is the work of his life, *Catálogo Razonado de los Autores Portugueses que Escribieron en Castellano*, indispensable for the knowledge of the connection of the two peninsular literatures and for the local history, because it connects most of the approximately 670 biographed authors to their localities source. What names are linked to Setúbal, by birth or by any other relationship, is the suggested reading.

Key concepts:

Domingos Garcia Peres, Setúbal, castilian, literature, Iberian Peninsula

Um despacho de Navarro y Rodrigo, Diretor-Geral de Instrução Pública, datado de 25 de janeiro de 1888, a partir de Madrid, estabelecia que “por conta do Estado se faça uma tiragem de quinhentos exemplares” da obra *Catálogo Razonado de los Autores Portugueses que Escribieron en Castellano*, assinada por Domingos Garcia Peres. O preço da impressão, calculado em 895 pesetas, era suportado ao abrigo da legislação do “Fomento de las Letras y de las Ciencias”, ficando ainda estabelecido que 300 exemplares se destinariam ao autor, “como recompensa de tão notável trabalho literário”.

Esta decisão suportou a publicação da obra, editada dois anos depois pela Imprenta del Colegio Nacional de Sordo-Mudos y de Ciegos, em Madrid (embora traduzidas, todas as citações são feitas a partir desta edição). O volume, com cerca de 670 páginas, abre com a reprodução do já mencionado despacho (p. III) e com o longo parecer da Real Academia Espanhola que lhe deu origem, que Manuel Tamayo y Baus, secretário da mesma, assinara em 5 de novembro de 1887 (pp. V-IX). Nesse documento, é dito, logo no início, tratar-se de um “daqueles trabalhos que aparecem de longe em longe na república literária para preencher vazios e lacunas que todos conhecemos e la-

mentamos” (p. V). E logo segue um voto de adesão: “não deve regatear-se a um autor estímulo nem recompensa, máxime em tempos em que anda tão mal parada entre nós a literatura séria e transcendental” (p. V). A defesa deste trabalho continua através da invocação da sua importância para o conhecimento bibliográfico de duas literaturas em que “é mais difícil do que nos mapas geográficos assinalar com exatidão a linha divisória de cada povo” da Península Ibérica (p. V). Em antecipação à obra, o documento académico traça uma síntese da história do uso do castelhano pelos autores portugueses (“que com tanta mestria manejavam uma e outra língua”, p. VIII), num processo iniciado nos mais antigos textos literários, salvaguardando que apenas dois grandes escritores lusos foram “rebeldes ao castelhano” (p. VII) - António Ferreira e Frei Agostinho da Cruz -, contexto exigente de uma obra como a que se apresenta. Uma outra novidade emerge ainda desta obra, na análise de Tamayo y Baus: “outro dos quilates mais elevados que a valorizam é o registo e exame bibliográfico da literatura hispano-rabínica” (p. VIII), produção vasta pois que “os escritores judeus e judaizantes nascidos no reino formado por Afonso Henriques sempre preferiram o castelhano para as suas publicações por conveniência

de propaganda” (p. VIII), já que “o conhecimento do português foi sempre na Europa *rara, rarissima avis*” (p. VIII).

Com ordenação alfabética, o trabalho de Garcia Peres refere 627 autores (22 mulheres e 605 homens), numa listagem que se inicia com Jonas Abarbanel, “judeu português, um dos mais célebres poetas do seu tempo” (p. 1), autor de um *Psalterio de David, en hebraico dicho Thehilim, trasladado con toda fidelidade verbo de verbo del hebraico*, publicado em Amesterdão em 1650, e fecha com Frei João Xodar, religioso português que assinou *Obra devotíssima de septem verbis Domini*, datada de 1532, em Sevilha. Depois deste longo inventário, há ainda lugar para alguns acrescentos e correções, bem como para a indicação de obras cuja autoria é anónima ou de algumas publicações periódicas.

Hoje, como em 1890, a maior parte dos nomes registados continua no desconhecimento. É verdade que por aqui passam Camões, Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, padre António Vieira, Jerónimo Baía, Francisco Manuel de Melo, Pedro Nunes, Jorge de Montemor, Duarte Nunes de Leão, Bernardim Ribeiro ou Vasco Mouzinho de Quevedo, nomes maiores das letras portuguesas. Mas, em termos quantitativos, a abundância de desconhecidos é grande, mesmo quando se fala de

história local, pois que de muitos dos nomes foi perdido o rasto, fosse por se terem afirmado no estrangeiro e por lá terem terminado os seus dias, fosse por não ter sido alimentada a sua memória.

Entre os nomes acabados de elencar, consta o de um setubalense, Mouzinho de Quevedo (1570-1650) e o de outros que nasceram ou tiveram relação com a região de Setúbal - são os casos de Bernardim Ribeiro (1482-1572) e de Pedro Nunes (1502-1577), ambos nascidos no concelho de Alcácer do Sal, e de Fernão Mendes Pinto (1509-1583), que sofreu um ataque de piratas “cerca de Sesimbra” (quando navegava de Lisboa para Setúbal), viveu depois sob a proteção de um fidalgo em Setúbal durante quatro anos, antes de embarcar para a Índia, e passou os últimos anos de vida no concelho de Almada. Mas, ao longo da obra de Garcia Peres, são mais de duas dezenas os nomes relacionados com Setúbal - como nos casos indicados, uns são naturais da região, outros por cá passaram (muito embora a quase totalidade dos nomes surja ligada à cidade do Sado, inserimos nesta apresentação os autores que aparecem também com ligação ao distrito sadino).

Relativamente aos naturais de Setúbal, eis os nomes que compõem a lista:

- a) Vitorino Vitoriano Xavier Amaral Pinhel (Setúbal, 1697 - 1739). Os seus estudos aconteceram nas Universidades de Évora e de Coimbra, tendo obtido o grau de Bacharel em Cânones. Membro muito ativo da “Academia Problemática” (criada em Setúbal em 1721), destacou-se na produção de poesia cómica, sendo autor de cinco comédias - *Pensar galan al hermano*, *Solo merece el que calla*, *Sueño de amor verdadero*, *Fundación de Setúbal* e *El amante muerto*.
- b) José de Faria Arrais (Setúbal, 1672 - 1734). Com a profissão de músico e amante da poesia, foi autor de *Canción à la fuente del campo de Bonfín en octavas*, *Siete loas con sus bailes en obsequio de N^a S^a de las Brotas*, *Bien sucede à quien bien vive* e *El pastor de las Brotas*. Relativamente a esta última obra, refere Garcia Peres ter um exemplar da mesma, que foi composta “para ser representada no santuário das Brotas no dia em que lá acorrem em romaria as freguesias vizinhas” (p. 207).
- c) Agostinho Fernandes (Setúbal, 1675 - 1715). Sobre este autor, diz Garcia Peres que se ignoram “as circunstâncias da sua vida e a profissão”, a não ser que “foi um apaixonado da poesia” (p. 217), sendo-lhe atribuídos os textos *Relación lírica à N^a S^a da Saúde e Loas sagradas*, em número de oito.
- d) António Bento Figueira (Setúbal, 1681 - 1713). Figura muito dada à poesia, deixou também algumas comédias, como *La corona por justicia*, que foi representada no palácio do infante D. Miguel.
- e) João Jacinto Henriques (n. 1704, Setúbal). Estudou Humanidades em Évora e Cânones em Coimbra, exerceu a advocacia e foi autor de três comédias - *La omnipotencia en las grutas y deidad de las Brotas*, *Los empeños de una liga* e *El mesquinho liberal*.
- f) João Sardinha Mimoso (n. Setúbal, ?? - 1644). Foi abade de Santa Maria de Meixedo e faleceu em Lisboa, sendo sepultado na igreja de S. Roque. Deixou a obra *Relacion de la real tragicomedia con que los padres de la Compañia de Jesus en su Colegio de S. Anton de Lisboa recibieron a la Magestad Catolica de Felipe II de Portugal, y de su entrada en este Reino, con lo que se hizo en las Villas, y Ciudades en que entró*, impressa em 1620.

-
- g) Francisco José Monteiro Naio (n. Setúbal). Estudou Humanidades em Évora e Direito Canónico em Coimbra. Ordenado presbítero, exerceu a advocacia e ficou conhecido pela sua facilidade de versificar. Foi autor de *Doce loas* (em honra de vários santos, representadas em diversos conventos) e de quatro comédias - *Todo es engaños de amor*, *Desdicha y amor es una cosa y parecen dos*, *El amante de su hermana* e *El Quixote renacido*.
- h) Vicente da Mota Carvalho (n. Setúbal, 1658). Estudou Jurisprudência em Coimbra e exerceu advocacia na terra onde nasceu. Cultivou a dramaturgia, tendo deixado as comédias *El príncipe de la banda*, *La dicha en la desdicha*, *También castiga quien ama*, *Castigar lo que se estima* e *Indicios contra verdades*.
- i) Vasco Mouzinho de Quevedo (n. Setúbal). Oriundo de uma família nobre, desempenhou vários cargos no Estado, mas são escassas as notícias relativas à sua vida. Foi escolhido pelas autoridades de Lisboa para celebrar num poema a chegada de Filipe II de Portugal (III de Espanha) à capital. Garcia Peres assinala que Garrett considerou Mouzinho de Quevedo o melhor épico depois de Camões graças à obra *Afonso Africano*. Na sua obra *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel Rainha de Portugal e outras rimas*, de 1597, existem vários poemas em castelhano, língua que usou para redigir o texto *Triunfo del monarca Filipe III en la felicissima entrada de Lisboa*, impresso em 1619.
- j) António Rodrigues da Costa (Setúbal, c. 1656 - 1732). Estudou línguas e humanidades nos Jesuítas em Lisboa. Teve uma ascensão política importante até chegar a membro do Conselho do Rei em 1728. Foi sócio da Academia Real de História e deixou a obra *Justificación de Portugal en la resolucion de ayudar à la ínclita Nación Española à sacudir el yugo francés y poner en el trono real de su monarquia al Rey Católico Carlos III*, impressa em 1704, conjuntamente com edições em latim e em francês.
- k) Mateus Silva Cabral (n. Setúbal, 1666). Estudou Jurisprudência em Coimbra e exerceu como advogado na sua cidade. Cul-

tivou a poesia e deixou três comédias em castelhano - *Los empeños de un engano*, *Lo que ha de ser no se escusa* e *No es mal el que bien acaba*.

Quanto a personalidades que se relacionaram com Setúbal, podemos contar com:

- a) Fr. Manuel Borralho (n. Lisboa, 1643 - 1720). Em 1659, professou na Ordem da Santíssima Trindade, tendo chegado a Ministro do Convento de Setúbal. Pregador e visitador geral da sua Ordem, deixou *Poética descripción de los festivos aplausos con que la Nobleza y el Pueblo Lisbonense celebró el felice Casamiento de los dos Monarcas D. Alfonso VI y la Soberana Princesa Doña María Francisca Isabel de Saboya, Reyes felicísimos de Portugal*, obra impressa em Lisboa em 1667.
- b) José da Cunha. Cavaleiro da Ordem de Cristo, seguiu a carreira militar e residiu em Castela, sendo autor de *Traslado de uma Carta enviada a la villa de Setubal à un su amigo, dándole cuenta de una gran batalla y feliz victoria que han tenido los Caballeros portugueses en Melilla, Ceuta, Mazagan y Tanger, Costa de África, à los 7 de Octubre de 1638*, impressa

em Madrid no mesmo ano dos acontecimentos, com o objetivo de “eternizar os triunfos alcançados pelos seus compatriotas em África” (p. 150).

- c) Sebastião Fonseca e Paiva (Lisboa, 1625 - Palmela, 1705). Ingressou na Ordem Militar de Santiago e foi membro da “Academia dos Singulares”, a que presidiu algumas vezes, aí sendo autor de várias poesias.
- d) António de Fonseca Soares (Vidigueira, 1631 - Varatojo, 1682). Recebeu formação em línguas e humanidades, tendo seguido a carreira das armas, ao mesmo tempo que se dedicava à poesia. Em 1662, surpreendeu os seus conhecidos ao vestir o hábito franciscano no Convento de Évora, tendo tentado destruir os seus poemas escritos até essa data. Como franciscano, adotou o nome de António das Chagas. Dirigiu os seminários da Ordem no Varatojo e em Setúbal (Brancones). Deixou *La Philis y Demofonte - Epopeia heroico-amorosa*, em 10 cantos, que Garcia Peres informa existir na Biblioteca Nacional de Lisboa, e vários poemas nas coletâneas *Postilhão de Apolo* e *Fénix Renascida*. Depois da resenha biográfica do autor, Peres

reproduz um poema de Fonseca Soares, glosa de quatro décimas sobre a vida, tomando como exemplo as flores - “No os ciegue la luz que os dá / Vuestra gala y vuestro aliento, / Pues cuanto es hoy lucimiento / Mañana eclipse será.” (p. 233).

- e) Fernão Mendes Pinto (Montemor-o-Velho, c.1510 - Almada, 1583). Na nota biográfica, Garcia Peres não menciona o facto de Mendes Pinto ter passado os últimos tempos da sua vida em Almada (Pragal) nem a sua ligação a Setúbal, apresentando-o como um “ousado viajante, o que primeiro e mais detalhadamente deu a conhecer à Europa a vida íntima da Ásia” (p. 373). Apesar disso, informa Peres que a sua obra *Peregrinação* foi considerada por muitos como uma “novela”, sobretudo por aqueles que duvidaram do realismo da descrição e que chegaram a ironizar com os apelidos do montemorense, ao construírem o dito “Fernão Mententes? Minto”. Em castelhano, deixou Mendes Pinto o texto *Información de la China dada por un hombre que en ella estuvo cautivo seis años*, que Garcia Peres informa estar traduzida por Castilho na “Livreria Clássica Portuguesa”.

- f) Lourenço Mendonça (n. Sesimbra, c. 1585). Ingressou na Companhia de Jesus em 1602, de onde foi expulso passado pouco tempo. Exerceu como juiz do Tribunal da Legação Apostólica e como prelado no Rio de Janeiro e foi comissário do Santo Ofício em Potosí. Defensor do domínio filipino em Portugal, não reconheceu a titularidade de rei ao Duque de Bragança e foi condenado como traidor à pátria em 1642. Provavelmente terá morrido na América. Foi autor de *Suplicación à S. M. el Rey N. S. ó defensa de los portugueses en que muestra que sin contravenir à las órdenes reales, deven y pueden los portugueses estar en las Indias como los castellanos, navarros y otros* e *Relación de algunos escesos que se cometían en la India y Rio Janeiro*.
- g) Nuno de Mendonça (n. Alcácer do Sal). Foi o primeiro Conde de Vale de Reis (título criado por Filipe III em 1628). Correspondeu-se com o holandês Justo Lípsio e com o espanhol Bartolomé Leonardo de Argensola, entre outros humanistas. Desempenhou vários cargos civis e militares e, além de alguns versos em castelhano publicados no *Cancioneiro* de Manuel

de Faria e Sousa, deixou *Diversas poesias portuguesas y castellanas manuscritas que se conservaban en la librería de sus sucesores y que probablemente hoy no existirán*.

- h) Pedro Nunes (n. Alcácer do Sal). Apresentado como “cosmógrafo e geómetra, cujo nome anda unido à glória marítima de Portugal” (p. 426), refere Garcia Peres desconhecer-se a data de nascimento, mas que viveria em 1574. Professor de Filosofia na Universidade de Lisboa e de Matemática em Coimbra, foi D. João III quem o chamou de Salamanca, onde estudara. A sua obra mais conhecida foi escrita em castelhano - *Libro de álgebra, aritmética y geometria*, impresso em Anvers em 1567.
- i) Bernardim Ribeiro (n. Torrão, Alcácer do Sal, 1475). Tendo frequentado a corte desde muito novo, terá sido ali que se apaixonou por uma mulher que designou por “Aonia” na sua novela *Menina e moça*, que Garcia Peres considera “como a mais antiga novela pastoril escrita na nossa península” (p. 493). Em 1536, foram impressas as trovas de dois pastores, Silvano e Amador, obra em que constam dois romances em castelhano - “Oh Belerma” e “Justa fué mi perdición”, ambos transcritos

no *Catalogo Razonado*, de Garcia Peres, que, sobre o último romance, acrescenta a seguinte informação no final do volume: “O romance *Justa fué mi perdicion* refere-se aos amores que D. Fr. João Sobrinho, bispo de Ceuta, e depois da cidade da Guarda, teve com Justa Rodrigues, ama de leite do rei D. Manuel, a qual, depois de uma vida de cortesã, fundou o convento de Jesus de Setúbal, onde se recolheu e jaz na sua sala capitular. Fr. João tinha por divisa a frase ‘*Justa fué mi perdicion*.’” (p. 652).

- j) Fr. João de Vasconcelos (Lisboa, 1590 - 1652). De ascendência nobre, estudou em Coimbra, vindo a ingressar na Ordem dos Pregadores, tendo estado no Convento de Almada, onde professou em 1608, adotando o nome de “João” e abandonando o nome de batismo “Álvaro”. Foi pregador régio e membro do Santo Ofício. Deixou a obra *Capitulaciones entre la Inquisición de Castilla y Portugal sobre remisión de los culpados de reino à reino*, que, de acordo com Peres, existia na biblioteca do Marquês de Abrantes.

É verdade que Garcia Peres refere vasta bibliografia em que se apoiou para a elaboração desta obra, de que se podem apontar como

exemplos a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (4 volumes, publicados entre 1741 e 1759), ou o *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva (com publicação iniciada em 1858). No entanto, na maior parte dos casos, os dados biográficos sobre os autores são bastante resumidos por Garcia Peres; por outro lado, confrontando as informações oriundas das consultas e o *Catálogo razonado*, nem sempre as datas coincidem - por vezes, há omissão das mesmas ou trocas, que, em alguns casos, se podem dever a erros de simpatia, como pode ver-se no exemplo de Vicente da Mota Carvalho, que Garcia Peres indica ter nascido em 1658, mas Diogo Barbosa regista como tendo sido 1685.

Ao longo das indicações que vão sendo fornecidas, pode o leitor verificar o vasto número de bibliotecas consultadas por Garcia Peres, entre públicas e particulares, além da sua própria biblioteca ou das permutas que fazia com outras bibliotecas, que não esquece de referir - no caso de Duarte Albuquerque Coelho, por exemplo, a propósito do livro deste autor *Compendio de los Reyes de Espana*, refere: “Foi meu e hoje existe na Biblioteca Nacional de Lisboa.” (p. 16). No domínio das referências sobre os autores, há também situações em que existe

o propósito de reabilitar obras ou de chamar a atenção para a importância dos mesmos, como se pode verificar na alusão feita sobre Jorge de Montemor, autor que teve “frutos bastantes para lhe ser dado um lugar preeminente no Parnaso peninsular como pai da novela pastoril, depois de Bernardim Ribeiro. Injusto é o quase desdém com que é considerado no nosso país apesar de o ser tão vantajosamente nos estrangeiros.” (p. 388).

O *Catálogo razonado*, de Garcia Peres, revela uma procura incessante por parte do seu organizador, um pouco como se procedesse à construção de um universo até aí imaginado mas desconhecido - o mundo dos autores portugueses que escreveram em castelhano -, por ali passando profissões e temáticas diversas - gramática, poesia, direito, religião, medicina, filosofia, relatos históricos, tradução, cosmografia, astronomia, moral, teologia, ciência, política, etc. -, numa descrição (tanto quanto possível) minuciosa dos espécimes bibliográficos, com indicação, em muitos casos, da biblioteca onde pode ser encontrado o exemplar consultado; em situações em que não lidou com as obras ou com dados específicos sobre elas, indica títulos de que teve notícia e acrescenta a informação de não se saber se a obra chegou a ser impressa.

Contudo, nas 670 páginas desta obra, faltaram os elementos informativos sobre quem a redigiu, autor que deve ser acrescentado à lista dos que escreveram em castelhano. Sobre o seu percurso, o leitor deste *Catalogo razonado* pouco fica a saber, uma vez que ele não se inclui na lista.

A vida deste autor, filho de pais espanhóis nascido em Moura, foi já contada, aquando do bicentenário do seu nascimento, na biografia *Domingos Garcia Peres (1812-1902) - Um setubalense pelo coração*, devida a António Cunha Bento, Carlos Mouro e Horácio Pena, editada pela LASA (Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão). Nomeado cirurgião-mor do Batalhão Nacional de Setúbal em 1849, Garcia Peres foi deputado pelo círculo sadino em 1852 e subchefe do Serviço de Saúde da Companhia Peninsular dos Caminhos de Ferro em 1863. Por 1870, regressou definitivamente à sua Quinta da Brasileira, em Setúbal. Em paralelo com esta carreira, no horizonte de Garcia Peres esteve sempre a bibliofilia, tendo colaborado com nomes importantes nesta área, como Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), em Portugal, ou Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912), em Espanha. Deu, aliás, este último um excelente contributo para a publicação do *Catalogo*

razonado, conforme se pode verificar pela correspondência estabelecida entre os dois, com acesso possível na página da Fundación Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, acervo em que o tema é maioritariamente a literatura e os livros - como registam os autores da biografia referida, os três assuntos fundamentais desta epistolografia são “a busca, aquisição e troca de livros; a revisão e impressão do *Catalogo razonado*; os primeiros voos literários de Domingos Fernando Garcia” (p. 53), neto de Peres, ainda que por lá passem também notas autobiográficas, comentários sobre o quotidiano, etc.

O *Catalogo razonado*, fazendo luz sobre uma prática habitual na cultura portuguesa - a escrita em português e em castelhano por uma elite de diversas proveniências ao longo de séculos, fosse por motivações culturais, políticas ou sociais -, dá também um contributo para o estudo da história local, designadamente a de Setúbal, e da memória naquilo que passa pelas origens ou contactos dos autores mencionados, pois, sem estas indicações, perder-se-ia o rumo de muitos dos nomes que aqui constam, em prejuízo da diversidade cultural das terras de entre Sado e Tejo.

Nota biográfica:

João Reis Ribeiro é professor do ensino secundário. Mestre em

literatura portuguesa. Autor de várias obras ligadas à história local. Colaboração na imprensa regional e na blogosfera. Responsável pela edição anotada do *Diário*, de Sebastião da Gama. Integra as direções da Associação Cultural Sebastião da Gama e da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão.